

Decisão do Citibank comprova que dívida é impagável

Nova Iorque — AFP

Silvio Ferraz
Correspondente.



Reed acabou com o jogo do faz-de-conta

aos banqueiros a direção: a ação do Citicorp subiu 2 dólares e meio 24 horas depois do anúncio de Reed. Ontem, às 15h, havia subido mais 30 centavos. Enquanto isso, as ações do Bank America e Manufacturers caíam.

Num primeiro momento, os devedores poderão caminhar até mesmo para um pedido de perdão — medida já vocalizada por alguns congressistas americanos. Se o Citicorp pode engolir um prejuízo desse tamanho, poderá também, simplesmente, varrer-lo de seus balanços, poderão raciocinar alguns burocratas que tratam da dívida de seus países. “Pode-se guardar recursos para cobrir maus empréstimos, mas jamais assumir sua perda total”, comentou um banqueiro de Nova Iorque.

Reinflação mundial — Com as torneiras fechadas, ou seja, sem dinheiro novo, como se verá, às voltas com suas dívidas, os países latino-americanos? “Esta pergunta só tem uma resposta”, responde Jones. “Assistiremos nos próximos dois anos à conclusão de um processo iniciado há poucas semanas: a *reinflação mundial*”. Para Jones, os governos dos países industrializados já tomaram a decisão de inflacionar a economia mundial. Assim procedendo, estariam conse-

guindo, entre outros efeitos, jogar os preços das *commodities* dos países endividados para cima e estes, conseqüentemente, precisariam de menos dinheiro para reciclar a monumental dívida”. Para comprovar o que diz, Jones acena com o índice dos preços das *commodities* no mercado futuro — o melhor indicador das expectativas macroeconômicas. Trata-se de um conjunto de 22 preços de produtos agrícolas, industrializados e riquezas minerais que, com sua oscilação, mostra o caminho a ser seguido pela economia mundial. “Nas últimas seis semanas, o índice subiu de 200 para 230, num movimento que só comporta uma interpretação: o processo de *reinflação* está em marcha”, sentencia Jones.

Mas, adverte aos ficcionistas: “Isso não se dará imediatamente e, tampouco, será a solução para o problema da dívida”. Trocando em miúdos: contar com um fenômeno macroeconômico para resolver suas pendências com os bancos é fantasia. Assim, não restará ao Brasil senão acelerar seus entendimentos com os bancos, com o Fundo Monetário Internacional e voltar ao meio de onde nenhum país que se diz com futuro pode sair: a economia internacional. O mais rápido possível.

WASHINGTON — Quando Fidel Castro e John Reed estão de acordo, é melhor colocar as barbas de molho; alguma coisa está errada. Pois foi isso justamente o que ocorreu na noite de terça-feira, quando o presidente do Citicorp anunciou sua decisão de colocar 3 bilhões de dólares em reservas esperando o pior em relação à dívida externa do Terceiro Mundo. Em outras palavras e por outros critérios, Reed repetiu na prática o que Fidel prega em teoria: a dívida dos países latino-americanos é impagável.

Se, no entanto, a postura fidelista traria vantagens aparentes aos países devedores — haveria uma moratória ampla, geral e irrestrita —, o movimento de Reed no complicado jogo de xadrez só trará dificuldades para o Brasil, em especial. Devedor de 4,6 bilhões de dólares ao Citicorp, ou seja, 34,1% de seu capital primário, o Brasil e seus representantes nas futuras negociações para o reescalonamento da dívida encontrarão pela frente interlocutores mais duros, infinitamente mais insensíveis às agruras dos devedores. É compreensível que assim seja. Reed, há muito tempo partidário de um confronto com os países devedores em vez de se manter a questão da dívida em banho-maria, à espera de uma milagrosa solução para o problema, resolveu pagar a conta. E, agora, quer ver.

Risco calculado — Ao assumir o risco calculado de infringir a seu banco o primeiro prejuízo de sua história, desde a época da Grande Depressão, e o segundo maior prejuízo num trimestre já ocorrido nos Estados Unidos, Reed deu um recado impassível de ser mal interpretado em qualquer idioma: a torneira do Citicorp está fechada até novos e positivos entendimentos. E positivo para um banqueiro é qualquer ação que o leve a receber de volta o dinheiro que emprestou, acrescido, naturalmente, dos juros. Assim, a carta entregue pelo representante do Citicorp no Brasil, Michael Kelland, ao ministro Bresser Pereira, assegurando de que seu banco estaria desejoso de continuar colaborando com o país, inclusive, com novos fundos, não tem amparo na realidade dos fatos. É um lance pirotécnico.

A mensagem do Citicorp aos devedores é de que não haverá mais dinheiro novo disponível — diagnosticou David Jones, economista chefe da conceituada Aubrey-Lamston, de Wall Street, ao JORNAL DO BRASIL. Para ele, o Citi apenas seguiu o procedimento extremamente mais realista

dos bancos europeus e japoneses que há tempos vêm pacientemente guardando recursos para enfrentar a inadimplência dos países devedores. “O sistema bancário americano é mais resistente a medidas como esta que acabam se refletindo em suas ações na bolsa”, disse Jonas.

Embora tenha chegado atrasado à conclusão de Fidel e de outros banqueiros europeus e japoneses, John Reed teve o mérito de ser o primeiro nos Estados Unidos a olhar em volta e acabar com o jogo de faz-de-conta. Reed, perguntado como chegara a esta decisão, colocou o dedo na boca e depois o ergueu, como se estivesse conferindo a direção do vento. O vento, como se viu, não está a favor. A oportunidade de seu gesto é discutível, embora poucos discordem de seu acerto.

— O momento, sem dúvida, é delicado — frisa David Jones. “Há a perspectiva de uma renegociação com o Brasil e empenho do secretário do Tesouro, James Baker II, por uma solução mais ampla para o problema da dívida. Se isso fosse feito há dois ou três anos poderia ser mais perigoso. Os bancos estariam sem provisões para enfrentar uma crise e os países devedores menos estruturados e conscientizados para a gravidade do momento.”